

Inflação estoura teto da meta; PIB, câmbio e clima levam culpa

Indicadores **Peso no bolso**

Inflação fica fora da meta em 2024 e põe mais pressão sobre 2025

— IPCA vai a 4,83%, puxado por alimentos e transporte; preocupação agora dos analistas é com o repasse da valorização do dólar para os preços no varejo

MÁRCIA DE CHIARA
SÃO PAULO
DANIELA AMORIM
RIO

Sob pressão dos preços de alimentos e de itens como gasolina e plano de saúde, a inflação fechou 2024 com variação de 4,83%, acima do teto da meta (de 4,5%). Foi a oitava vez que isso aconteceu desde o início do regime de metas, em 1999. Em dezembro, o IPCA chegou a 0,52%, ante 0,39% em novembro.

Como consequência, o presidente do Banco Central, Gabriel

Galvão, teve de escrever uma carta ao ministro da Fazenda, Fernando Haddad, para explicar os motivos que levaram ao descumprimento do alvo. No texto, Galvão culpa a economia forte, o câmbio e cita expectativas derivadas do quadro fiscal (mais informações nesta página).

Economistas ouvidos pelo Estadão destacam que a herança inflacionária de 2024 para 2025 será pesada. Além dos aumentos típicos da virada de ano, como de tarifas de ônibus e mensalidades escolares – que levam em conta a inflação passada –, a grande preocupa-

ção no momento é o estrago que a desvalorização cambial dos últimos meses pode causar nos preços dos produtos e serviços ao longo de 2025.

Repetição para o IPCA neste ano já está em 4,99%, acima do teto da meta

O real acumula uma perda de mais de 25% em relação ao dólar nos últimos 12 meses. A tendência é de que esse forte

aumento de custos, acelerado sobretudo no último trimestre do ano passado, leve empresas a reajustar preços neste ano, como muitas já declararam. Com a atividade aquecida, o emprego e a renda em alta, o risco é de que esses reajustes se alastrem e provoquem um espalhamento da inflação por vários setores da economia.

Essa preocupação já foi captada pelo boletim Focus, uma compilação feita pelo BC. Pelo relatório divulgado na segunda-feira, a mediana das projeções do mercado para o IPCA deste ano subiu pela

12.^a semana consecutiva, de 4,96% para 4,99%.

“Iniciamos 2025 com uma preocupação em relação a esse conjunto de reajustes tradicionais de início de ano num ambiente mais conturbado de depreciação da moeda, economia forte e mercado de trabalho apertado”, diz o economista-chefe do BMG, Flávio Serrano. Ele projeta um IPCA de 4,80% para este ano.

Serrano destaca que o ponto crucial para o BC neste momento é a propagação do choque do câmbio para os demais preços da economia e, em especial, para os do setor de serviços. “A inflação de serviços é mais inercial, demora mais para cair e, por isso, preocupa mais.”

Tatiana Pinheiro, economista-chefe da Galapagos Capital, concorda que um dos fatores de destaque do IPCA deste ano será o efeito da mudança do nível do câmbio nos preços da economia. “A mudança do patamar do câmbio, de R\$ 5 para R\$ 6, não foi trivial”, afirma. ●

IBGE CAPTA MAIOR DISENSINHAÇÃO DE PREÇOS EM DEZEMBRO. PÁG. B2

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Economia & Negócios Caderno: b Pagina: 1